FESTAS QUILOMBOLAS E TURISMO COMO REDES DE RESILIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL NO NORTE DO TOCANTINS

Stephanni Gabriella Silva Sudré[1]
Silvio Lima Figueiredo[2]
Manoel Filho Borges[3]

RESUMO

Em contextos historicamente marcados por desigualdades socioambientais e pressões territoriais, comunidades quilombolas têm mobilizado próprias sociais que expressam e sustentam seus modos de vida. Neste cenário, este artigo analisa as festas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (CQDJ), no Tocantins, buscando compreender como tais práticas se constituem no interior das dinâmicas comunitárias, especialmente em suas interfaces com as formas de inserção do turismo. Parte da problematização de abordagens que reduzem as festas à dimensão cultural ou à lógica mercadológica do turismo, desconsiderando sua complexidade social e relacional. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, ancorada na etnografia. Os dados foram produzidos por meio de observação durante os festejos, entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade e realização de grupos focais com Mestres Griôs, sendo posteriormente analisados a partir da perspectiva interpretativa e indutiva. O referencial teórico articula contribuições da antropologia, da sociologia das práticas e das abordagens decoloniais, com destaque para os debates sobre práticas turísticas, territorialidade e formas de resistência. Os resultados indicam que as festas constituem espaços privilegiados de organização coletiva, mobilizando diferentes agentes sociais e fortalecendo vínculos comunitários. Evidenciam, ainda, a centralidade da relação com o território, expressa no uso dos recursos locais, na valorização dos saberes ancestrais e na integração entre práticas culturais e ambientais. No que se refere ao turismo, observa-se uma inserção situada e relacional, marcada pela participação e pela partilha, em contraste com modelos baseados na lógica do consumo. Conclui que as festas desempenham um papel central na dinâmica comunitária, contribuindo para a continuidade das práticas sociais, territoriais e culturais, ao mesmo tempo em que a relação com a natureza se manifesta no uso de alimentos tradicionais, na valorização dos ciclos naturais, na reprodução e atualização de práticas que integram o ambiente. O turismo, por sua vez, emerge como prática relacional, baseada na interação e no pertencimento, distanciando de lógicas mercantis e contribuindo para a visibilidade e valorização da cultura quilombola. Assim, as festas não apenas expressam a cultura local, mas operam como estratégias ativas de resistência e reexistência, fundamentais para a manutenção dos modos de vida quilombolas.

Palavras-chave: festas quilombolas; resistência socioambiental; território; turismo.

[1] Doutora em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA). Mestre em Ciências Ambientais. Especializada em Gestão de Turismo em Áreas Naturais (2009). Bacharel em Turismo. stephanni.sudre@ufnt.edu.br. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

[2] Professor Titular da Universidade Federal do Pará. Pós-doutorado em Sociologia na Université Rene Descartes (Université Paris Cité). Doutorado em Ciências da Comunicação. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento. Graduado em Administração. Graduado em Turismo. silviolimafigueiredo@gmail.com. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – UFPA. Coordena o laboratório de pesquisa Turismo, Cultura e Meio Ambiente – LABCULTUR.

[3] Aprendiz de Mestre Griô Quilombola da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Mestre em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT/UFNT. Graduado em História (UFT). muriciquilombola@gmail.com. Professor Efetivo da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins-SEDUC.